

RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

João Batista Alves de Souza¹

Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD

jb.ufgd@hotmail.com

Trabajo N°: 3267

3-Educación y enseñanza de la geografía

Presentador: **João Batista Alves de SOUZA**

Primer Autor: **João**

Resumen:

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vividas em sala de aula em relação à temática cartografia, na terceira etapa da "EJA" na Escola Estadual Edwirges Coelho Derzi no MS. Há de se considerar que os alunos da EJA, em sua maioria, são adultos e possuem uma experiência de vida capaz de identificar os lugares (cidades, estados e países), mas apresentam grandes dificuldades para interpretação dos mapas, principalmente no que diz respeito a leitura cartográfica, pois os códigos de interpretação dos mapas não condizem com a realidade entendida no cotidiano desses alunos. Assim, este trabalho de experiência na escola de formação de adultos, mostra alternativas metodológicas que possam auxiliar na compreensão destes conteúdos cartográficos. Para isso, foram desenvolvidas dinâmicas durante as aulas de geografia para facilitar a codificação dos símbolos cartográficos e, principalmente, a compreensão e localização nos mapas, que foram construídos ao longo do processo de aprendizagem. Portanto, com esta forma de ensino, foi possível uma melhor compreensão dos alunos, no que se refere ao ensino de geografia e, nesta perspectiva, é que acreditamos em uma mudança de metodologia no processo de ensino da geografia para jovens e adultos.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Ciências Humanas.

A formação de um grande número de jovens, adultos e idosos, que não a tiveram em idade própria, faz-se essencial para o desenvolvimento da nação, entretanto, esta formação deve ser completa e voltada aos problemas enfrentados diariamente pelo estudante da EJA.

Nesta perspectiva do ensino da Geografia tem um papel central, visto que a mesma possibilita uma leitura crítica do mundo, já que o seu objeto de estudo é a sociedade e o espaço geográfico, tanto em nível local, como mundial. Assim, esse trabalho busca, ressaltar a importância da geografia na EJA e a necessidade de uma prática diferenciada do Ensino Regular, ressaltando o papel do professor e a aplicabilidade desta disciplina no contexto diário destes educandos.

Este trabalho apresenta a teorização de experiências vivenciadas na 3ª Etapa da EJA da Escola Estadual Edwirges Coelho Derzi, no município de Deodópolis – MS. Apresentou como temática as dificuldades dos alunos para realizar a leitura, análise e interpretação de mapas, principalmente no que diz respeito a leitura cartográfica. A maioria dos alunos tem apresentado conhecimento dos lugares, cidades e estados. No entanto, quando esses lugares são apresentados a estes, em mapas, as dificuldades em localização aparecem constantemente. Nesse sentido, para Costella (2003, p 136-137),

[...] cabe ao professor mediar um bom trabalho de aprendizagem, tendo consciência de que os alunos, a partir da construção do conhecimento, possam compreender as relações existentes entre os espaços mapeados e, com isso, teorizarem com maior prioridade e autonomia o fruto dessa construção. Essa mediação deve ser feita através de oficinas condizentes com a idade dos alunos.

Quando se pensa sobre a forma como são utilizados globos e mapas em sala de aula, pode ser percebido que os educandos apresentam dificuldades em fazer uma leitura das representações planas da Terra. Para Martinelli (2003), a elaboração

do mapa temático da Geografia se insere num contexto que envolve a busca de conhecimento e o esclarecimento acerca de certas questões da realidade que se tem interesse em resolver.

Assim os mapas representam não apenas os lugares locais ou globais, mas representam o quadro natural (clima, relevo, vegetação, hidrografia...) questões sociais, econômicas, ou seja, diferentes visões de mundo. Todo o mapa apresenta a intenção de quem o criou, ou seja, apresenta uma visão de mundo, uma perspectiva de espaço. Espaço aqui compreendido como um conjunto indissociável de sistema objetos e sistema de ações, Santos (p. 21) e reconhece como características analíticas internas do espaço a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas de conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta a questão dos recortes espaciais, propõe debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local.

Esta preocupação, dito de outra forma, também nos é apresentada por Sousa Santos (1987) quando indica que a natureza de revolução científica que atravessamos em nossos dias difere estruturalmente da que ocorreu no século XVI, pois esta apresenta um paradigma científico e um paradigma social, ou seja: “O paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”. (op.cit, p.37)

E, na busca do equilíbrio entre o “conhecimento prudente” que proporcione uma “vida decente” para a sociedade, sendo um conhecimento que melhore a compreensão de mundo, é essencial que ele deva passar pela formação na educação básica através da compreensão e análise crítica dos diferentes lugares.

Nesse caso traz um significado maior, pois a intenção era resgatar a origem de cada aluno, ou seja, de onde nasceram de onde vieram, seus caminhos... Em seguida começar a desvendar os mistérios dos traços, coordenadas geográficas², latitude³, longitude⁴, legendas/convenções cartográficas e outros.

Apesar do contato com diferentes mapas (do município, MS, Brasil, América, Múndi) a codificação dos símbolos cartográficos ainda apresenta falhas, ou seja, os mapas nem sempre apresentam informações completas e atualizadas. Além disso, essas informações, na maioria das vezes, são de difícil entendimento para os alunos.

Assim o trabalho foi dividido em várias etapas, compreensão e análise de diferentes mapas, visita ao laboratório de informática para trabalhar a localização dos municípios de origem de cada aluno com o programa conhecendo o Brasil do IBGE, confecção de materiais, esferas feitas de cartolina na qual representa o globo com seus meridianos e paralelos, e trabalho com mapas. Sempre caminhando além das páginas do livro didático, pois este apresenta erros graves na estruturação dos mapas, o que fez com os alunos se confundissem no entendimento dos mapas.

² A palavra coordenada significa diretriz, orientação, indicação. Implica a possibilidade de criar condições para localizar, orientando aquele que precisa saber onde está um lugar. [...] As coordenadas geográficas reúnem as informações necessárias à localização de qualquer ponto na superfície da Terra (CASTROGIOVANNI et al, 2003 b, p. 89b).

³ A latitude de um lugar da superfície da Terra é a medida do ângulo cujo vértice é o centro da Terra e que tem uma das extremidades no lugar e a outra sobre a linha do Equador, no ponto onde esta linha cruza o meridiano do referido lugar. Como a latitude é uma medida angular, ela é sempre indicada em graus. A medida da latitude varia de 0 grau, na linha do Equador, a 90 graus nos pólos. Esta medida corresponde a uma quarta parte do valor total da circunferência (360graus). (CASTROGIOVANNI et al, 2003b, p. 93).

⁴ Dois lugares situados sobre dois meridianos diferentes na superfície da Terra formam, no cruzamento destes meridianos com o plano do Equador e o centro da Terra, um ângulo. Longitude é a medida deste ângulo. Para calculá-la, toma-se como referência o Meridiano de Greenwich. A longitude também é uma medida angular e, por isso, é sempre indicada em graus. A medida angular de longitude varia de 0 grau, em Greenwich, a 180 graus, posiciona-se exatamente oposta ao Meridiano de Greenwich e é denominada de antimeridiano. Estes graus de longitude são contados a leste e a oeste de Greenwich e são indicados pelas letras W (oeste) e E (leste) (CASTROGIOVANNI et al, 2003b, p. 99).

Partindo do conteúdo programático, paisagem, lugar e território, os alunos mostraram interesse em localizar a cidade de origem. Tendo em vista que maioria deles é de origem nordestina, fora apresentado o mapa político “desatualizado” da escola, no qual estes encontraram grande dificuldade em localizar suas cidades de origem.

Uma das alunas mostrou-se muito frustrada por não encontrar a cidade onde nasceu e comentou que era perda de tempo estudar Geografia, “para que tantos mapas se não tem todas as cidades”... ..Aqui só mostra as cidades grandes, igual São Paulo, Fortaleza, Salvador com uma bolinha preta maior e as outras se perde por ai... Isso mostrou que o conhecimento só é significativo quando apresenta a vida, o lugar do aluno como ponto de partida.

Em outras palavras, nós, educadores, precisamos ter o universo vivencial discente como princípio (ponto de partida), de maneira a atingir a *meta* (ponto de chegada) do processo pedagógico; afinal de contas, a prática educacional tem como objetivo central fazer avançar a capacidade de compreender e intervir na realidade para além do estágio presente, gerando autonomia e humanização (CORTELLA, 1998, p. 125).

Dessa forma sentiu-se a necessidade de transformar essa realidade, afinal era preciso mostrar para aqueles alunos, a maioria da terceira idade, que a Geografia não era apenas o estudo daqueles mapas, mas a compreensão do espaço geográfico como local de morada do ser humano que é modificado a cada dia. Dessa forma procuramos explorar um fato que ocorrera na cidade de Deodópolis o nome das ruas e avenidas que acabou causando confusão nos moradores. Mostrar, também, para os alunos que os mapas poderiam trazer os diferentes caminhos que eles trilharam ao longo da vida. Uma das alternativas encontradas foi o trabalho no laboratório de informática, pesquisando as cidades de cada um em mapas mais completos e

atualizados. A sala do laboratório em questão é uma extensão da Escola Estadual Edwirges que funciona no CCI Centro de Convivência de Idosos.

Mapas além dos Atlas: trabalhando as tecnologias e a realidade dos alunos.

Apresentando a perspectiva do uso da tecnologia para a compreensão de mapas foi importante conversar com os alunos sobre o trabalho no laboratório de informática. A Professora Cristiane, responsável pelo laboratório de informática, apresentou vários programas CD ROMS e jogos educativos para trabalhar Geografia nos computadores. Um deles em especial me chamou a atenção. O programa do IBGE, conhecendo o Brasil, no qual apresenta uma atividade formidável, ou seja, a localização de todos os municípios do Brasil e um pequeno resumo como população, clima e coordenadas geográficas, que será apresentado ainda neste texto. Para Martinelli (2003) “o desenvolvimento de tecnologias computacionais trouxe para a cartografia, a exploração de novas operações de multimídia com grande aplicação educacional”.

Realizamos a visita no laboratório de informática, no qual todos os alunos localizaram sua cidade de origem e anotaram em seu caderno. Finalmente Dona Generosa localizou o município de Floresta no estado de Pernambuco, e disse: “não é que o computador é bom mesmo”... “Nunca tinha visto minha cidade assim”... E o que é essas linhas? Esses números heim professor?”.

Eis ai o segundo problema, como abordar com os alunos um tema tão complexo como as coordenadas geográficas, já que não ficou muito evidente na tela do computador que mostrava a latitude e a longitude do município em questão. Dessa forma foi proposto a confecção de pequenas esferas que representavam o globo questão, para trabalharmos as coordenadas geográficas, paralelos e meridianos.

Foram confeccionadas três esferas para cada aluno, uma representando a linha do equador, o meridiano de Greenwich, os trópicos de Câncer e Capricórnio. Para isso foi utilizada cartolina, pincel atômico, tesoura, lápis de cores, CDs, régua. Depois de prontas as esferas foram comparadas numa mesa de mármore redonda para facilitar a localização e a compreensão da posição geográfica.

A partir da elaboração desse material didático pelos próprios alunos, foi possível perceber um maior entendimento e certa familiaridade com as coordenadas geográficas, mapas e codificação cartográfica. Além disso, o livro sugeria colorir alguns mapas (do Brasil, América de Sul...).

É neste contexto que foi iniciada uma nova etapa, levando em consideração a realidade de cada aluno, no qual foi proposto a elaboração de um “mapa pessoal”, que mostrasse a trajetória de suas casas até a escola com alguns pontos de referência. Além disso o mapa deveria apresentar legendas, rosa-dos-ventos e convenções cartográficas. Em seguida, foi trabalhado com os mapas convencionais (Brasil, América do Sul...).

A verificação dos significados dos símbolos utilizados no mapa foi entendido com maior facilidade e os alunos passaram a dominar a linguagem cartográfica. Dona Generosa mais uma vez fez alguns comentários, do tipo, “antes os mapas pareciam riscos com bolinhas e figuras e agora entendo por que os caminhoneiros andam o Brasil todo com mapas e não se perdem”.

Após desenvolver essas práticas pedagógicas que auxiliaram a compreensão dos conhecimentos relacionados a interpretação e análise de mapas e a codificação dos seus símbolos, procurou-se mostrar para Dona Generosa e os demais alunos, que é possível uma melhor compreensão dos alunos da EJA, no que se refere ao ensino de Geografia. Isso demonstra que o conhecimento precisa apresentar a vida

como ponto de partida, ou seja, os alunos e os seus lugares de vivência. Além disso, o conhecimento geográfico precisa ser mais generoso e estar a serviço da justiça social.

Os envolvidos no processo se mostraram felizes com a caminhada que haviam realizado. O grupo tinha a clareza de que ocorreu um aprendizado significativo. É importante destacar que esse processo envolve muito trabalho, organização e pré-disposição para mudar, escutar, dialogar e valorizar a outra pessoa.

A diferenciação no estudo da Geografia da EJA, não está apenas no conteúdo, mas na clareza dos objetivos e importância de seu estudo. A diferença está na dialogicidade que deve existir nas aulas, visto que os educandos possuem uma bagagem cultural valiosíssima e que enriquece muito as aulas, proporcionando construção e não, repasse de conhecimento. O que está faltando é trazer os conteúdos para a vida do educando, visto que os conteúdos precisam estar interligados uns aos outros e ao mesmo tempo à prática/vida do estudante, já que este possui um conhecimento informal riquíssimo e sente-se valorizado e motivado quando sente que pode contribuir e participar do processo ensino-aprendizagem, não como mero espectador, mas como um agente formador e transformador do conhecimento.

Desenvolver práticas pedagógicas como esta é uma maneira de (re) significar o ato de aprender e traz um novo encanto para a vida, já que aprender com alegria e entusiasmo é a melhor receita para alcançarmos a realização pessoal como alunos e professores. É realizar com esperança a intermediação do conhecimento e perceber que o estudante aprende a amar a si mesmo e a todas as formas de vida do planeta.

A luta cotidiana por melhores condições de vida para todos encontrará maior equilíbrio através de um conhecimento que estabeleça relações, reconheça a diversidade de formas de vida e de viver, de valores, de culturas, que desenvolva a tolerância com as diferenças, que possibilite a dialogicidade na relação com o outro e que aceite a subjetividade dos outros. Enfim, que respeite a diversidade cultural visando à transformação da sociedade. É preciso, para Castrogiovanni et al (2003a, p. 9), “instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidade em suas múltiplas dimensões”. Isso faz com que o aluno analise as contradições e os conflitos sociais do cotidiano e compreenda a realidade social refletida nos diferentes lugares. Através desse trabalho foi possível facilitar a capacidade dos alunos na compreensão de mapas e coordenadas geográficas, de um modo simples mas trabalhando com o cotidiano dos educandos. Desta forma, o estudo da Geografia da EJA deve estar voltado ao local, entretanto sem esquecer o global, uma vez que, na era da globalização precisamos ser voláteis e compreender as inter-relações existentes no planeta. É preciso mostrar aos educandos os recursos tecnológicos e dar subsídios intelectuais para que ele os compreenda e aplique este conhecimento em seu ambiente familiar, comunitário e profissional. Faz-se necessário ainda, combater os preconceitos, enfatizar a ética, o respeito aos direitos alheios e às diferenças, a sociabilidade e a inteligência emocional, bem como desenvolver habilidades como: raciocínio, aplicação/elaboração de conceitos, capacidade de observação e de análise crítica, dentre outros.

Referências Bibliográficas

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. *Ensino de Geografia. Práticas e Textualizações*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003a.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GOULARTE, Ligia Beatriz; KAERCHER, Nestor André. SCHAFFER, Neiva Otero. *Um Globo em suas Mãos: práticas para a sala de aula*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003b.

CORTELLA, Mário Sérgio. *A Escola e o Conhecimento. Fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo-SP: Cortez, 1998.

COSTELLA, Roselane Zordan. Como ambiência reflete na construção de maquetes. In: AIGNER, Carlos; LINDAU, Heloísa; PIRES, Cláudia; REGO, Nelson. *Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. Coleção Geração de Ambiências.

MARTINELLI, Marcello. *Mapas da geografia e cartografia temática*. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Milton. *Por Uma Geografia Nova*. Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec, 1990.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. : Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um Discurso sobre as Ciências*. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.